

PAPEL DOS METODOS DE IMAGEM NO DIÁGNOSTICO DA PERICARDITE

Maria Aparecida da Silva Diniz¹; Evair Josino da Silva

mariaaparecidardc@gmail.com

Área Temática: Temas livres em medicina

RESUMO

Introdução: A pericardite é uma síndrome inflamatória do pericárdio com apresentação clínica variável, podendo evoluir com derrame pericárdico, tamponamento cardíaco ou pericardite constritiva. Embora o diagnóstico seja predominantemente clínico, os métodos de imagem são essenciais para confirmar achados, avaliar a atividade inflamatória, caracterizar alterações anatômicas e identificar complicações. **Objetivo:** Analisar o papel dos métodos de imagem no diagnóstico da pericardite, correlacionando aspectos clínicos e fisiopatológicos aos principais achados imagiológicos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e abordagem qualitativa, realizada nas bases PubMed, SciELO e LILACS, com estudos publicados nos últimos 10 anos, em português e inglês. A estratégia de busca utilizou descritores DeCS/MeSH relacionados a pericardite, ecocardiografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética, combinados pelos operadores AND e OR. **Resultados e Discussão:** A literatura demonstra que o ecocardiograma transtorácico é o exame inicial de escolha, por permitir detectar derrame pericárdico e repercussões hemodinâmicas. A tomografia computadorizada contribui para a avaliação anatômica do pericárdio, sobretudo quanto a espessamento e calcificações, enquanto a ressonância magnética cardíaca se destaca na caracterização tecidual e na identificação de inflamação ativa. A radiografia de tórax e o eletrocardiograma mantêm valor complementar. **Conclusão:** Nenhum método isolado contempla todas as demandas diagnósticas da pericardite; por isso, a integração entre avaliação clínica e métodos complementares é fundamental para diagnóstico mais preciso, identificação de complicações e adequada condução terapêutica.

Palavras-chave: Pericardite; Diagnóstico por imagem; Ecocardiografia; Tomografia computadorizada; Ressonância magnética cardíaca.

1 INTRODUÇÃO

A pericardite corresponde à inflamação do pericárdio, estrutura fibroserosa que envolve o coração, e pode se apresentar de forma aguda, recorrente ou crônica, com manifestações que variam de quadros autolimitados a situações graves, como tamponamento cardíaco e pericardite constritiva. Suas causas podem ser infecciosas ou não infecciosas, incluindo etiologias virais, bacterianas, autoimunes, neoplásicas, metabólicas e pós-lesão miocárdica (Adler et al., 2015; Imazio et al., 2025).

Do ponto de vista diagnóstico, a pericardite aguda é predominantemente clínico, estabelecida, em geral, pela presença de pelo menos dois entre quatro critérios: dor torácica típica, atrito pericárdico, alterações eletrocardiográficas compatíveis e derrame pericárdico

novo ou agravado. Ainda que o diagnóstico seja fundamentalmente clínico, os métodos complementares são indispensáveis para confirmar achados, identificar gravidade e investigar complicações (Adler et al., 2015; Imazio; Gaita; LeWinter, 2015).

Na prática clínica, a pericardite pode apresentar variações e dificultar o reconhecimento precoce, principalmente em contextos atípicos ou em pacientes com comorbidades. Marcadores inflamatórios e exames laboratoriais complementares auxiliam na avaliação da atividade inflamatória e no acompanhamento evolutivo da doença. Porém, a identificação de fatores de risco para complicações, grande derrame pericárdico ou falha no tratamento inicial, é necessário investigação mais aprofundada e manejo especializado com métodos de imagem (Lazaros et al., 2021; Brucato et al., 2020).

Nesse cenário, os métodos de imagem assumem papel central na abordagem da pericardite. O ecocardiograma transtorácico é o exame inicial de escolha; a tomografia computadorizada amplia a avaliação anatômica do pericárdio e de estruturas adjacentes; e a ressonância magnética cardíaca contribui de forma expressiva para a caracterização inflamatória e tecidual, especialmente em casos complexos ou recorrentes (Chiabrando et al., 2020; Klein et al., 2024; Anthony et al., 2024).

Dessa forma, os métodos de imagem têm papel fundamental na estratificação de risco e no acompanhamento evolutivo da pericardite, pois esses exames deixam de ser apenas um recurso confirmatório e passa a atuar como ferramentas essenciais na conduta clínica, no prognóstico e na escolha do tratamento mais adequado (D'Angelo et al., 2022; Lurz et al., 2021; Pontone et al., 2020).

Diante da relevância clínica da doença e da necessidade de avaliação integrada, este estudo tem como objetivo analisar o papel dos métodos de imagem no diagnóstico da pericardite, enfatizando seus principais achados e sua contribuição para a identificação de complicações e para o direcionamento da conduta terapêutica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e abordagem qualitativa, realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, com publicações dos últimos 10 anos, nos idiomas português e inglês. A estratégia de busca foi construída a partir do título e do tema do estudo, utilizando descritores pesquisados em DeCS e MeSH, correspondentes a pericarditis, pericardial diseases, echocardiography, computed tomography e magnetic

resonance imaging, combinados pelos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, em português ou inglês, com conteúdo diretamente relacionado ao diagnóstico da pericardite e ao papel dos métodos de imagem na identificação da inflamação, do derrame pericárdico e de possíveis complicações. Excluíram-se relatos de caso, textos incompletos, publicações duplicadas, estudos fora do recorte temporal e trabalhos sem aderência ao objetivo proposto. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, por síntese temática das evidências, integrando aspectos clínicos, fisiopatológicos e imagiológicos relevantes para a compreensão diagnóstica da pericardite.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura revisada demonstra que o diagnóstico da pericardite permanece fundamentalmente clínico, sendo usualmente estabelecido pela presença de pelo menos dois entre quatro critérios: dor torácica típica, atrito pericárdico, alterações eletrocardiográficas sugestivas e derrame pericárdico novo ou agravado. Nesse contexto, os métodos de imagem não substituem o raciocínio clínico, mas exercem papel decisivo na confirmação dos achados, na avaliação da extensão do comprometimento pericárdico e na identificação de complicações, como tamponamento cardíaco e pericardite constrictiva (Adler et al., 2015; Imazio et al., 2015; Imazio et al., 2025).

A radiografia de tórax apresenta utilidade complementar e baixa sensibilidade nas formas iniciais da pericardite, podendo permanecer normal em muitos casos. Seu rendimento aumenta diante de derrames pericárdicos volumosos, quando pode ocorrer aumento da silhueta cardíaca, embora esse achado seja inespecífico e não permita, isoladamente, confirmar o diagnóstico. Assim, sua maior contribuição está na avaliação de diagnósticos diferenciais torácicos e na suspeita de repercussões associadas a derrames mais expressivos (Adler et al., 2015; Yamani et al., 2022).

O ecocardiograma transtorácico permanece como o exame inicial de escolha, por ser amplamente disponível, não invasivo e capaz de oferecer avaliação dinâmica em tempo real. Seu principal papel consiste na identificação de derrame pericárdico, na estimativa de seu volume e, sobretudo, na investigação de repercussões hemodinâmicas, como colapso de câmaras direitas e sinais compatíveis com tamponamento cardíaco. Além disso, o método é essencial no acompanhamento evolutivo e na estratificação clínica dos pacientes com suspeita ou confirmação de pericardite (Chiabrando et al., 2020; Klein et al., 2024).

A tomografia computadorizada atua de forma complementar, com especial utilidade na análise anatômica detalhada do pericárdio e das estruturas adjacentes. Esse método contribui para a identificação de espessamento pericárdico, calcificações e derrames loculados, sendo particularmente útil nos casos em que há suspeita de constrição, etiologia complexa ou limitação técnica ao ecocardiograma. Por sua elevada resolução espacial, a tomografia se destaca principalmente na demonstração de calcificação pericárdica e no planejamento de casos mais complexos (Klein et al., 2024; Yamani et al., 2022).

A ressonância magnética cardíaca, por sua vez, é o método mais completo para caracterização tecidual do pericárdio, pois permite detectar edema, espessamento, realce tardio pelo gadolínio e sinais de inflamação ativa. Além de fornecer informações anatômicas e funcionais, a técnica tem papel relevante na diferenciação entre pericardite ativa, pericardite constrictiva e outras condições que cursam com repercussão hemodinâmica semelhante. Evidências recentes reforçam que a ressonância agrega valor prognóstico e pode qualificar o seguimento terapêutico, sobretudo em casos recorrentes, persistentes ou de difícil definição clínica (Anthony et al., 2024; Vidalakis et al., 2020; Klein et al., 2024).

Além disso, apesar dos avanços do manejo dos métodos de imagem há limitações no contexto da pericardite, por exemplo, o ecocardiograma pode apresentar restrições em pacientes com janela acústica inadequada, além de menor sensibilidade para avaliação direta da inflamação pericárdica. A tomografia computadorizada possui exposição à radiação e limitações na avaliação funcional, já a ressonância magnética possui menor disponibilidade e maior custo. Com isso, para a escolha do exame deve levar em consideração a acurácia diagnóstica, aspectos clínicos, disponibilidade e custo-efetividade (Santos et al., 2021; Oliveira et al., 2022).

Embora o eletrocardiograma não seja método de imagem, sua associação à avaliação imagiológica permanece indispensável no raciocínio diagnóstico, especialmente pela presença de alterações típicas em fases iniciais e por seu papel na diferenciação com outras causas de dor torácica, como a síndrome coronariana aguda. Em síntese, os achados revisados indicam que não existe exame isolado capaz de responder a todas as demandas diagnósticas da pericardite. O manejo adequado depende da integração entre clínica, eletrocardiograma e multimodalidade em imagem, o que amplia a precisão diagnóstica, favorece o reconhecimento precoce de complicações e qualifica a tomada de decisão terapêutica (Chiabrando et al., 2020; Klein et al., 2024).

4 CONCLUSÃO

A pericardite é uma condição de apresentação clínica heterogênea, cujo diagnóstico depende da integração entre dados clínicos e exames complementares. Entre os métodos de imagem, o ecocardiograma transtorácico permanece como exame inicial de escolha, enquanto a tomografia computadorizada e a ressonância magnética cardíaca ampliam a avaliação anatômica e inflamatória do pericárdio, especialmente diante de casos complexos ou com suspeita de complicações. Assim, conclui-se que a abordagem multimodal é fundamental para aumentar a precisão diagnóstica, identificar repercussões hemodinâmicas e orientar de forma mais segura a condução terapêutica. Como limitação, destaca-se que o estudo se baseia em revisão bibliográfica qualitativa; por isso, novas investigações com estratégias de busca ainda mais amplas podem aprofundar a compreensão do valor incremental de cada método no manejo da pericardite.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Y. et al. 2015 ESC Guidelines for the diagnosis and management of pericardial diseases. *European Heart Journal*, v. 36, n. 42, p. 2921–2964, 2015.
- ANTHONY, C. et al. Cardiac magnetic resonance in pericardial diseases: current perspectives. *Journal of Cardiovascular Magnetic Resonance*, v. 26, n. 1, 2024.
- BRUCATO, A. et al. Recurrent pericarditis: management challenges. *European Heart Journal Supplements*, v. 22, Suppl E, p. E44–E50, 2020.
- CHIABRANDO, J. G. et al. Management of acute and recurrent pericarditis: JACC state-of-the-art review. *Journal of the American College of Cardiology*, v. 75, n. 1, p. 76–92, 2020.
- D'ANGELO, T. et al. Cardiac magnetic resonance in pericardial diseases: a comprehensive review. *Diagnostics*, v. 12, n. 2, 2022.
- IMAZIO, M.; GAITA, F.; LEWINTER, M. Evaluation and treatment of pericarditis: a systematic review. *JAMA*, v. 314, n. 14, p. 1498–1506, 2015.
- IMAZIO, M. et al. Pericardial diseases: contemporary review and future perspectives. *Nature Reviews Cardiology*, 2025.
- KLEIN, A. L. et al. Multimodality imaging in pericardial disease. *JACC: Cardiovascular Imaging*, v. 14, n. 2, p. 296–312, 2021.
- KLEIN, A. L. et al. Advances in multimodality imaging for pericardial diseases. *Journal of the American College of Cardiology*, 2024.
- LAZAROS, G. et al. The evolving role of biomarkers in pericardial diseases. *Current Cardiology Reports*, v. 23, n. 10, 2021.
- LURZ, P. et al. Comprehensive cardiac magnetic resonance imaging in inflammatory heart disease. *European Heart Journal Cardiovascular Imaging*, v. 22, n. 5, p. 482–495, 2021.

OLIVEIRA, G. M. M. et al. Diretrizes brasileiras de imagem cardiovascular. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 118, n. 1, p. 1–105, 2022.

PONTONE, G. et al. Role of cardiac computed tomography in pericardial diseases. *Journal of Cardiovascular Computed Tomography*, v. 14, n. 5, p. 376–385, 2020.

SANTOS, A. B. et al. Métodos de imagem em cardiologia: indicações e limitações na prática clínica. *Revista Brasileira de Ecocardiografia e Imagem Cardiovascular*, v. 34, n. 2, p. 87–95, 2021.

VIDALAKIS, E. et al. Cardiac MRI in pericardial diseases: an update. *Current Cardiology Reports*, v. 22, n. 9, 2020.

YAMANI, M. H. et al. Imaging of pericardial diseases: a contemporary review. *Current Problems in Cardiology*, v. 47, n. 3, 2022.